

O QUE É A FELICIDADE NA NARRATIVA “FELICIDADE CLANDESTINA”, DE CLARICE LISPECTOR?

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

darlan.ufac@yahoo.com.br

Luiz Paulo Batista da Silva (UFAC)

luizpbs1979@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, analisa-se o que é a felicidade na narrativa “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector. Para isso, além do texto em análise, foram consultados os trabalhos dos pesquisadores Amorim (2019), Eggers (2012), García (2017), Mânica (2019), Marson (2017) e Comin-Scorsolini (2019). A narrativa “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, conta o episódio da infância de uma menina de Recife-PE que gostava de ler, porém, não possuía condições de adquirir uma obra literária. No decorrer da história, uma garota, cujo pai é dono de livraria, disse que tinha o livro “Reinações de Nazirinho”, de Monteiro Lobato, e o emprestaria para a menina. Logo, o dia seguinte, a sensação de que tudo é passageiro, inclusive, o livro preferido emprestado, revela-nos que a felicidade está nas coisas simples da vida.

Palavras-chave:

Felicidade. Clarice Lispector. “Felicidade clandestina”.

RÉSUMÉ

Dans cet article, on analyse ce qu'est le bonheur dans le récit « Felicidade clandestina », de Clarice Lispector. Pour cela, en plus du texte en cours d'analyse, les travaux des chercheurs Amorim (2019), Eggers (2012), García (2017), Mânica (2019), Marson (2017) et Comin-Scorsolini (2019) ont été consultés. Le récit « Felicidade clandestina », de Clarice Lispector raconte l'épisode de l'enfance d'une jeune fille de Recife-PE qui aimait lire, mais qui n'avait pas les moyens d'acquérir une œuvre littéraire. Au cours de l'histoire, une fille, dont le père possède une librairie, a dit qu'elle avait le livre « Reinações de Nazirinho », de Monteiro Lobato, et qu'elle le prêterait à la fille. Le lendemain, le sentiment que tout est éphémère, y compris le livre préféré emprunté, nous révèle que le bonheur est dans les choses simples de la vie.

Mots clés:

Bonheur. Clarice Lispector. «Bonheur Clandestin».

1. Introdução

Em sua vasta produção literária, a escritora Clarice Lispector criou também personagens infantis, que possuem personalidade singular, vivenciam os conflitos interiores e exteriores, desvendando o que é a vida. Além disso, ler os textos dessa renomada escritora é se envolver na

linguagem e na trama articulada de forma refinada e ficcional. Dessa forma, ninguém consegue não se envolver com o narrador, os personagens, o tempo e o espaço, que complexamente são inventados objetivamente e subjetivamente, é o processo de criação literária que faz com que a vida se torne ficção e vice-versa.

A narrativa “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, publicada pela primeira vez, em 1967, no *Jornal Brasil* e, em 1971, no livro com o mesmo título, é um dos textos conhecidíssimo da autora e, provavelmente, o mais relacionado, pelos estudiosos da Literatura, com a vida da autora. Isso ocorre porque, coincidentemente, o espaço em que ocorre a história, Recife-PE, é o mesmo da infância de Clarice Lispector e o diálogo com a narrativa é maior tendo em vista que a linguagem é mais acessível e compreensível.

Neste ensaio, trilhando na linha tênue entre ficção e realidade, lançamos nosso olhar para a narrativa “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, com os seguintes objetivos: a) Compreender o texto literário como produto da capacidade de registrar e expressar os sentimentos mais profundos do ser humano; b) Desvelar como os elementos da narrativa são articulados na escrita clariciana; c) Refletir o que é a felicidade clandestina para a narradora protagonista. Para isso, além do texto clariciano em análise, os trabalhos de Amorim (2019), Eggers (2012), García (2017), Mânica (2019), Marson (2017) e Comin-Scorsolini (2019) foram essenciais para analisar essa narrativa tão profunda e intimista.

2. Clarice Lispector

Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920 na cidade ucraniana Tchetchelnik e, prematuramente, morreu aos 56 anos, em 09 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro-RJ (EGGERS, 2012). Começou sua carreira como jornalista em 1940 na Agência Nacional, no *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*, formou-se em Direito em 1943 na Universidade do Brasil e casou-se no mesmo ano de sua formatura com o diplomata Maury Gurgel Valente com quem teve dois filhos, a saber: Pedro Gurgel Valente e Paulo Gurgel Valente (EGGERS, 2012).

Por causa da profissão do marido, morou em países da Europa e nos Estados Unidos até 1959 quando se separou, retornou ao Rio de Janeiro-RJ com seus filhos e continuou o trabalho de escritora (EGGERS, 2012).

Dentre sua vasta produção literária, destacam-se as seguintes obras: “Perto do coração selvagem” (1944), “O lustre” (1946), “A cidade sitiada” (1949), “Laços de família” (1960), “A maçã no escuro” (1961), “A Legião Estrangeira” (1964), “A paixão segundo G. H.” (1964), “O mistério do coelho pensante” (1967), “A mulher que matou os peixes” (1968), “Uma aprendizagem ou Livro dos prazeres” (1969), “Felicidade clandestina” (1971), “Água viva” (1973), “A imitação da rosa” (1973), “Via Crucis do corpo (1974), “Onde estivestes de noite?” (1974), “Visão de esplendor” (1975) e “A hora da estrela” (1977) (EGGERS, 2012).

Portanto, Clarice Lispector é um grande nome da Literatura Brasileira, desde o começo de sua carreira a sua produção literária rompeu os paradigmas das imposições linguísticas e literárias, repercutindo “não só no panorama das letras brasileiras, mas também no da literatura ocidental, desde a América Latina até a Europa e os Estados Unidos” (EGGERS, 2012, p. 26).

3. Narrativa “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector

A narrativa “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, no plano da história, conta o episódio da infância de uma menina pobre de Recife-PE que, para alguns autores é a própria autora, que gostava muito de ler, porém, sua condição financeira não permitia comprar livros. Por outro lado, sua colega não se interessava pela leitura, no entanto, privilegiadamente, era filha de um dono de livraria. Certa ocasião, disse para a menina que tinha em casa o livro “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, e que o emprestaria. Entretanto, a filha do dono de livraria ao exercer sua maldade inventava por diversas vezes que o livro em questão estava emprestado para outra menina, mas apesar disso, “era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses” (LISPECTOR, 1998, p. 9).

Sobre isso, Marson (2017, p. 13) afirma que “a protagonista descobre o quão cruel o ser humano pode ser, porém, também experimenta momentos únicos ao conseguir emprestado o livro que tanto desejara”. Além disso, é interessante observar que a “presença do fluxo de consciência perpassando a história, tornando o ritmo da narrativa mais lento” (AMORIM, 2019, p. 48) do texto é uma marca presente na escrita clariciana.

Contudo, a vontade de ter aquele livro era tanta que ocupava todos os seus pensamentos, nem percebia a maldade da garota que, todos os dias, inventava uma desculpa para não emprestar, inclusive, alegando já tê-lo emprestado à outra menina, instantes antes. Com isso, de acordo com Marson (2017, p. 13), “Clarice Lispector, diferentemente da maneira como as crianças eram tratadas na antiguidade, apresenta-nos personagens infantis de profunda e complexa natureza humana, que vivenciam, constantemente, os mais diversos sentimentos”. Essa insistência durou muito tempo e só terminou após a intervenção da mãe da garota que possuía o livro que, ao ouvir a conversa das duas e perceber a maldade da filha, emprestou-o para a menina pelo tempo que quisesse ficar com a obra tão desejada.

De acordo com Scorsolini-Comin (2019, p. 9), a mãe ao se deparar com a mentira da filha, não apenas desfaz o mal provocado, mas possibilita, de certa forma, a posse eterna da obra. De modo geral, podemos perceber que o acesso ao livro “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, em uma dimensão erótica, inaugura a fase de amadurecimento, a menina personifica o livro, agora “não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante”. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

O objeto de desejo “é alcançado como uma figura proibida a qual ela só poderia ter acesso de modo clandestino, às escondidas, sem que ninguém soubesse” (SCORSOLINI-COMIN, 2019, p. 10). Sendo assim, o enlace:

[...] seria secreto, ainda que a amiga e a sua mãe soubessem do empréstimo. No entanto, o modo de se relacionar com esse objeto, com esse desejo, era essencialmente secreto, em uma dimensão que a protagonista só compartilharia com o leitor do conto (SCORSOLINI-COMIN, 2019, p. 10)

Consequentemente, “notamos a transformação abrupta de uma fase infantil para uma fase adulta, em uma imagem final que promove uma reflexão sobre pequenos fatos que desencadeiam o despertar da consciência” (AMORIM, 2019, p. 45). No que diz respeito à análise dos elementos da narrativa que foram articulados pela escrita clariciana, é possível afirmarmos que:

- a) A narradora, ser que conta e/ou permite que se conheça a narrativa, é personagem e, conforme categorização Genette (1972), autodiegético;
- b) O enredo é linear e, assim como quase todos os textos claricianos, de cunho psicológico e intimista;

- c) Os personagens, seres inventados e/ou imaginários na Literatura, são três, a saber: a primeira, que é a personagem principal, gostava de ler e não possuía condições de comprar um livro, a segunda, filha do dono de uma livraria dispunha em sua casa do livro “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato e, a terceira por sua vez, é a mãe da segunda, que descobre a maldade da filha e, finalmente, empresta o livro à personagem principal;
- d) O tempo, elemento difícil de ser identificado em algumas narrativas, é indefinido porque a entrega do livro é sempre adiada para o dia seguinte;
- e) O espaço, que é o elemento mais fácil de ser visualizado em algumas narrativas, é a cidade de Recife-PE, mais precisamente, as ruas, na frente da casa da menina do dono de livraria e na casa da narradora protagonista.

No concernente às interpretações que afirmam que a narrativa é um episódio da vida da autora, García (2017, p. 219) discorda e, por se tratar de um texto literário que é ficção e não realidade, escreve que “percebemos que certo teor nos depoimentos não é incompatível (não pode ser) com a forte presença humana, as coisas e a história dessa mulher que é uma das maiores expressões enigmáticas da literatura brasileira de todos os tempos”.

Por se tratar de um texto literário, ressaltamos que são infinitas as possibilidades de interpretações e, neste caso por ser um texto de Clarice Lispector, o mistério e o tocar os sentimentos mais profundos do ser humano é algo esperado em sua escrita profunda e intimista. Logo, o entendimento do que venha a ser a felicidade no texto em análise, depende do leitor, do olhar, do estado de espírito ao ler o texto e da perspectiva de análise literária.

Apesar disso, expomos nossa análise acerca do entendimento do que é felicidade, pois nas palavras da narradora protagonista, este sentimento é definido como “as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim” (LISPECTOR, 1998, p. 10). Neste sentido, como observa Scorsolini-Comin (2019, p.11), “a felicidade emerge como algo clandestino não apenas para a criança, a Clarice-menina, mas também para a adulta que narra a história”.

De acordo com Eggers (2012, p. 35), “pode-se identificar esse desejo de ler da narradora/protagonista como definidor do título” porque “a leitura é, para essa personagem, a felicidade clandestina” e, ao mesmo tempo, “a felicidade e magia da literatura, do prazer era tamanha, que a menina sonhadora fazia questão de ‘esquecer’ que estava com o livro para depois ter a ‘surpresa’ de achá-lo”. Portanto, citamos pela segunda vez, que no desfecho da narrativa clariciana está claro que “não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante” (LISPECTOR, 1998, p. 10).

Segundo Amorim (2012, p. 42), existe um paradoxo no título porque a felicidade é o sentimento de plenitude e, por outro lado, clandestina é algo oculto, proibido e, até mesmo, violador da ética, moral e leis da sociedade humana. Desse modo, nas palavras dessa autora, “a tônica da narrativa recai sobre o sentido de que a felicidade nem sempre é plena quando o objeto dessa felicidade não nos pertence”. Com isso, podemos inferir que a felicidade na presente narrativa é passageira, no começo a personagem não vivia porque queria possuir o livro infanto-juvenil de Monteiro Lobato e, no final ao possuí-lo, “vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada” (LISPECTOR, 1998, p. 10).

Em conformidade com Scorsolini-Comin (2019, p. 11), a felicidade é clandestina porque “não haveria de ser um lugar concreto a ser atingido, como muitas vezes presente nos romances, mas um lugar de não saber que apenas poderia ser alvo da esperança”. Ademais, para o mencionado autor, “a esperança, também representada na espera da menina pelo livro, seria balizadora do contato da adulta com toda sorte de felicidade”.

Diante do exposto, podemos sintetizar que a felicidade nesta narrativa é clandestina porque é inatingível e passageira, a esperança é o sentimento mais presente e necessária na vida do ser humano e, embora seja inatingível e passageira, devemos buscar a felicidade nas pequenas coisas da vida.

4. Considerações finais

Neste trabalho buscamos, partindo do pressuposto de que a obra literária toca o mais profundo do ser humano, analisar a narrativa “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, identificando e refletindo sobre

o que é a felicidade para a narradora protagonista. Diante disso e, percebendo em todo o texto que a felicidade nunca é plena, a menina desejava o livro “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, no entanto, a frustração em face da maldade da colega, esperanças o alcance da felicidade no dia seguinte e, finalmente, ao obter a obra literária tão cobiçada, mesmo que pelo tempo que desejasse, trouxe temporariamente a “felicidade clandestina”, que não é para toda a vida. Em outras palavras, a felicidade para a narradora personagem é clandestina porque não é um sentimento fixo, mas passageiro e que depende de fatores internos e externos. Por fim, registramos que a felicidade está em todos os momentos nas coisas simples da vida e que, seja clandestina ou não, devemos aproveitar porque viver é uma dádiva divina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Rosana Araújo da Silva. Análise do Conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector. *Estudos IAT*, v. 4, n. 2, p. 42-9, Salvador, set., 2019.

COMIN-SCORSOLINI, Fábio. A infância clandestina em Clarice Lispector. *Revista do SELL*, v. 8 n. 2, p. 185-203, Uberaba-MG, Jul./Dez. – 2019.

EGGERS, Fernanda Martins Bueno. *Uma análise do conto “Felicidade clandestina” sob a ótica da Estética da Recepção*. Porto Alegre: UNIJUÍ, 2012. (Trabalho de Conclusão do Curso de Letras da UNIJUÍ).

GARCÍA, Lucilene Machado. Clarice Lispector em Felicidade clandestina: a poética do “eu”. *La Palabra*, n. 30, Tunja, enero - junio de 2017.

GENETTE, Gerard. *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Vega, 1972.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MÂNICA, Jhonatam. Clandestina felicidade entre as letras e as imagens. *REVELL – EDIÇÃO ESPECIAL – VII EIEL*, 2019.

MARSON, Cíntia Roberto. “Felicidade clandestina” e “Restos do Carnaval”, de Clarice Lispector: a construção das personagens-protagonistas infantis. *Revista ao Pé da Letra*, v. 19.2, 2017.